

ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL EM GRUPO NUMA ESCOLA PÚBLICA

Antonio Caubi Ribeiro Tupinambá*
Andréa Barreto Girão de Oliveira**

RESUMO

Trata-se de um estudo de caso referente a um atendimento em orientação profissional (OP) realizado com estudantes de uma escola pública de Fortaleza. Analisa o material discursivo e gráfico produzido nas sessões, com o objetivo de demonstrar como pode ser realizado um atendimento em orientação vocacional na modalidade grupal, com alunos de escola pública. O método, os recursos e técnicas utilizados e as principais temáticas discutidas e trabalhadas com os jovens no processo foram também considerados. Traz ainda considerações sobre a escolha profissional na adolescência e os principais métodos que fundamentam o trabalho em OP. São expostas as principais intervenções empregadas pelas orientadoras no atendimento realizado, assim como possíveis caminhos para futuros orientadores que trabalham com grupos de jovens nessa área.

Palavras-chave: Orientação Profissional – Métodos e Técnicas – Atendimento grupal – Escolha Profissional

ABSTRACT

GROUP PROFESSIONAL ORIENTATION IN A PUBLIC SCHOOL

This paper presents a case study concerning professional orientation with pupils of a public school in Fortaleza (Ceará, Brazil). We analyze the discursive and graphic material elaborated by the pupils during the counseling process in order to demonstrate the possibilities of such a work in this situation. Methods, resources and techniques applied as well as the themes treated in the proceeding were also considered for the study. We also debate teenagers' professional choices and the main methods of professional orientation. Finally, we expose the main interventions made by the counselors and the possible alternatives for future works in this field.

Keywords: Professional orientation – Methods and Techniques – Group counseling – Professional choice

* Doutor em Psicologia Organizacional (Universidade de Giessen - Alemanha). Professor do Depto. de Psicologia da UFC. Endereço para correspondência: Departamento de Psicologia – UFC, Av. da Universidade 2762, Benfica – 60020-180 Fortaleza-CE. E-mails: tupinamb@ufc.br / tupinamb@uol.com.br

** Psicóloga. Endereço: Colégio Santo Tomás de Aquino, Rua Mário Mamede 750, Bairro de Fátima – Fortaleza CE. E-mail: juliannagirao@hotmail.com

INTRODUÇÃO

O presente trabalho partiu do nosso interesse em sistematizar e aprofundar os estudos sobre orientação profissional (OP), com base no material produzido na disciplina de Orientação Vocacional, no segundo semestre letivo de 2002, quando tivemos a oportunidade de orientar pessoas com dificuldades na escolha da profissão ou na mudança de carreira.

Constitui-se, portanto, de um estudo de caso referente ao processo de OP realizado com jovens do ensino médio de uma escola pública de ensino fundamental e médio localizada em Fortaleza. Os encontros ocorreram no período de novembro de 2002 a janeiro de 2003, na Clínica de Psicologia da Universidade Federal do Ceará (UFC). Vale ressaltar que o material utilizado para este estudo resume-se aos relatórios de atendimento, não tendo sido, portanto, abordados diretamente os sujeitos do processo de orientação, o que caracteriza por excelência um estudo de natureza teórico-bibliográfica.

Nomeado estudo de caso, será organizado em cinco itens, nos quais diversas reflexões, análises teóricas e metodológicas, formulações de generalizações e estudo de perspectivas são apresentados na seguinte ordem:

No primeiro item apresenta-se uma evolução do conceito de orientação vocacional, na busca de identificar o seu espaço nos dias atuais, principalmente no que tange à conceitualização de uma prática de natureza psicológica.

Com o segundo item definem-se e descrevem-se os principais métodos de atuação utilizados no trabalho de OP, enquanto que, no terceiro, focalizam-se os recursos, técnicas e os testes mais utilizados nas modalidades de atendimento individual e grupal.

O quarto item contém a análise propriamente dita do atendimento em OP com o grupo de estudantes, considerando, para essa análise, técnicas, temáticas discutidas e intervenções empregadas.

O último item fornece reflexões conclusivas a respeito do processo de OP na modalidade grupal, sugerindo trabalhos posteriores e pesquisas sobre o tema, apontando possíveis

caminhos para futuros orientadores que desenvolvem essa atividade com grupos.

1. ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL NA ATUALIDADE - evolução da terminologia

É interessante notar a confusão terminológica na literatura específica entre as diferentes denominações para esse tema. Os termos orientação vocacional, orientação profissional e, mais atualmente, orientação vocacional ocupacional (OVO)¹, comportam definições ora diferentes, ora coincidentes, trazendo ainda consigo, perspectivas de aplicação diferenciadas.

Levenfus (1997, p. xiii) assinala assim a passagem do termo *Orientação Vocacional* para o *Vocacional Ocupacional*:

De uma vocação entendida como um chamado interior de um destino programado tem-se chegado a um conceito de vocação como síntese de *vocatio* ou chamados internos e externos, individuais e sócio-culturais, onde cada leitor combina dados para sua decisão de quem ser, como ser, o que fazer e como fazer. E isso é uma combinatória entre o desejo e as possibilidades, entre o individual e o social.

Assim, desde 1970, a orientação passa a ser denominada de orientação vocacional ocupacional, integrando a estrutura do devir ocupacional com a possibilidade ocupacional. Deste modo, a OVO tem um alcance muito mais amplo que a orientação profissional. Levenfus (1997, p.58) diferencia desta forma a natureza dos trabalhos em cada uma: “reservo o termo *Orientação Profissional* para os trabalhos que informam e orientam a respeito das profissões, do mercado de trabalho, aplicando técnicas de aprendizagem, sem aprofundar-se nas questões psíquicas do orientando”.

Por outro lado, a autora define a orientação vocacional ocupacional da seguinte forma:

¹ A nomenclatura utilizada neste trabalho refere como sinônimos os termos orientação vocacional e orientação profissional, em virtude de serem os termos mais comumente empregados. Entretanto, os atendimentos realizados aproximam-se mais do conceito de OVO, onde se combinam vocações e conhecimentos sobre as profissões.

Considero a Orientação Vocacional Ocupacional um processo mais abrangente, que diz respeito não somente à informação das profissões, mas a toda uma busca de conhecimento a respeito de si mesmo, de características pessoais, familiares e sociais do orientando, promovendo o encontro das afinidades do mesmo com aquilo que pode vir a realizar em forma de trabalho. Classifico-a, portanto, como uma abordagem psicológica, ou psicopedagógica, que visa buscar uma identidade profissional. (LEVENFUS, 1997, p.58).

No momento atual a orientação vocacional ocupacional preocupa-se muito mais em saber *quem* é o sujeito da escolha, como ele realiza este processo, que influências recebe, como estas são percebidas por ele e o que está dificultando a sua tomada de decisão, do que simplesmente se utilizar para isso de resultados baseados em testes.

Nesta perspectiva vê-se que o papel do orientador é também de suma importância, pois atua como facilitador do processo de busca de uma identidade profissional pelo orientando. O objetivo da orientação profissional (OP), portanto, seria:

... facilitar o momento de escolha ao jovem, auxiliando-o a compreender sua situação específica de vida, na qual estão incluídos aspectos pessoais, familiares e sociais. É a partir dessa compreensão que ele terá mais condições de definir a melhor escolha - a escolha possível - no seu projeto de vida (LUCCHIARI, 1993, p.12).

Os aspectos principais a serem trabalhados num processo de OP incluem, de acordo com Lucchiari (1993, p.13) “o conhecimento de si mesmo, o conhecimento das profissões e a escolha propriamente dita”.

A autora afirma que o *conhecimento de si mesmo* é trabalhado num processo de OP, a partir da reflexão acerca de questões como os principais interesses dos envolvidos no processo, inclusive os interesses ocupacionais, aquilo que os orientandos reconhecem como sendo suas habilidades- identificar valores pessoais, verificar se as situações de escolha e o futuro mobilizam ansiedades, etc.

O *conhecimento das profissões* é essencial para a escolha consciente e responsável, pois

permite sua associação com os interesses e gostos do orientando. Assim, discute-se a realidade das profissões, trabalhando verdades e mitos referentes às ocupações e carreiras existentes, a realidade local das profissões, dos cursos técnicos e universitários, bem como do mercado de trabalho. Desta forma, os orientandos têm a possibilidade de conhecer o que são, o que fazem, como fazem, onde fazem, o mundo do trabalho dentro do sistema político-econômico vigente, as possibilidades de atuação - o mercado de trabalho e outros temas relacionados ao seu momento de escolha. (LUCCHIARI, 1993).

Para isso, a mesma autora aponta recursos como visita a locais de trabalho, a cursos e laboratórios de pesquisa da universidade, informações sobre currículos, entrevistas com profissionais, além de pesquisas na *internet*, como meios válidos de informação para o jovem que busca a OP. Tais estratégias permitem que, ao final do processo, o orientando avalie e reveja suas escolhas (ou suas não-escolhas), sabendo que estas implicam decisão pessoal, deixar de lado tudo que não é escolhido, fazer acontecer, isto é, viabilizar a escolha.

O processo de OP constitui-se, por fim, num espaço de escuta e compartilhamento de experiências (principalmente com grupos), problemas e dúvidas, numa espécie de suporte para o orientando neste momento decisivo de sua vida pessoal e profissional.

2. MÉTODOS DE ATUAÇÃO EM ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL

Em virtude do grande desenvolvimento da orientação vocacional/profissional, principalmente nos último cinquenta anos, teóricos e profissionais da área (BOHOSLAWSKY, 1998; LEVENFUS & SOARES, 2002; MÜLLER, 1988; TORRES, 1998), preocuparam-se em desenvolver métodos de intervenção que fundamentassem as diversas modalidades de atendimento, com base em seus referenciais teóricos.

Assim, existem dois grandes grupos de métodos empregados no trabalho de OP: o mé-

do psicométrico e o método clínico. Cada metodologia orienta diversas práticas, que se constituem em diferentes perspectivas de conceber os objetivos do trabalho, os instrumentos de avaliação e papel do orientando e do orientador.

Método psicométrico

Segundo Bohoslavsky (1998, p.68) a modalidade psicométrica ou estatística:

...está ligada à psicotécnica norte-americana e à psicologia diferencial, de princípios do século. Influenciada por posteriores progressos da psicometria, tem recebido contribuições de autores fatorialistas, aperfeiçoando suas técnicas quanto à validade e fidedignidade. Suas descrições quantitativas são cada vez mais rigorosas.

Percebe-se, desta forma, a grande ênfase que esse método concede à medida das qualificações do sujeito. As aptidões do cliente podem ser investigadas e medidas através do instrumento fundamental que é o teste psicométrico; o cliente sai do processo com uma escolha determinada e definitiva. A modalidade psicométrica concebe o atendimento em orientação vocacional como essencial para a escolha profissional do sujeito, tendo em vista que este necessita de alguém que o aconselhe e indique o melhor caminho a seguir, por não ter condições de decidir sozinho.

O orientando toma uma postura passiva diante de sua escolha, uma vez caber aos testes e ao psicólogo elucidá-lo sobre seus interesses e aptidões, para então lhe formular um conselho, que se constitui numa indicação precisa do caminho que cabe ao jovem seguir para obter sucesso profissional. O papel do psicólogo é “encaixar” as habilidades do sujeito na carreira que corresponda às habilidades e interesses medidos com auxílio do teste.

Método clínico

O método clínico, cuja influência da psicanálise é percebida pela ênfase nas determinações inconscientes da escolha, concebe de outra forma o processo de OP, a saber: o principal

objetivo dessa modalidade é possibilitar ao cliente um momento de escuta e elaboração de seus conflitos relativos à escolha profissional, adotando o orientando uma postura mais ativa, que vai desde a busca pelo autoconhecimento, a reflexão sobre as influências familiares e sociais na escolha, até a informação sobre as ocupações.

Nessa prática, o teste pode ser utilizado como auxiliar do processo, proporcionando dados complementares da personalidade do sujeito e de seus interesses. O resultado dos testes é avaliado de forma qualitativa, levando-se em consideração a apreciação do orientando, que deve relacionar os dados obtidos com sua história pessoal. O sujeito pode e deve chegar a uma decisão sobre sua escolha (construída), se conseguir resolver os conflitos e ansiedades relacionados com seu futuro profissional. Deve-se ressaltar que, sendo um processo, o orientando não tem a obrigação de sair com uma escolha determinada, pois o importante é que este reflita sobre o modo como faz escolhas e possa aprender a escolher de forma mais amadurecida. É enfatizada a grande mutabilidade nas escolhas, tendo em vista as grandes transformações no mundo do trabalho que requer novas ocupações e habilidades, exigindo das pessoas maior flexibilidade.

Para os psicólogos que trabalham com esse método, a entrevista é instrumento essencial, pois, como em todo atendimento psicológico, possibilita o estabelecimento da transferência com o cliente. O orientador instrumentaliza o cliente com os conhecimentos e materiais necessários para que este realize uma escolha mais condizente com seus desejos e realidade, ajudando a tornar consciente o que está dificultando uma escolha mais autêntica. Daí a ênfase na entrevista e na informação profissional. O psicólogo esclarece e informa ao orientando, auxiliando-o a estabelecer uma imagem não-conflitiva de sua identidade profissional, chegando a uma decisão pessoal e responsável. Assim, é necessário que o psicólogo tenha um profundo conhecimento teórico na abordagem que fundamenta o método; a ansiedade deve ser dessa forma amenizada, mas não necessa-

riamente resolvida. Pode haver continuidade nessa dimensão em um posterior processo psicoterápico com outro profissional.

Método Clínico-operativo

Trata-se aqui de contribuição de Müller (1988) para o desenvolvimento do método clínico no Brasil, cujas bases assentam-se na psicanálise e na psicologia social. Esse método foi adaptado para o trabalho com os chamados “grupos operativos”. Segundo a autora, esse método concebe a OP:

...não como um juízo ou um estudo psicológico do qual se apreende resultados, nem um conselho ou prescrição de tipo médico ou mágico; é um processo (...), uma trajetória, uma evolução mediante a qual os orientandos refletem sobre sua problemática e buscam caminhos para sua elaboração. Seu centro passa pelo orientando e não pelo orientador ou pelas técnicas. (p.14).

Para Muller (1988, p.14), a utilização do método clínico-operativo requer do psicólogo:

...uma atitude de escuta e diálogo, que possibilita ao orientando pensar em suas questões, seus temores e fantasias, suas expectativas ao rastrear seu mundo interior para que em confrontação com o conhecimento adquirido sobre oportunidades educativas e campos ocupacionais, prepare e exerça uma escolha vocacional ou reconheça seus limites para restabelecer os termos de sua problemática.

Assim como no método clínico, aqui o sujeito assume papel de suma importância, tendo o orientador que contextualizar e adaptar suas técnicas e recursos para melhor auxiliar o orientando em seu processo. Aqui também a ênfase é nas entrevistas, que são denominadas “entrevistas operativas”, que devem levar em conta o momento vivenciado pelo grupo. Neste método, combinam-se tanto técnicas projetivas e testes psicométricos, como também técnicas informativas acerca das profissões.

A nossa escolha para a prática da Orientação Vocacional com o grupo de estudantes de uma escola pública, objeto de estudo do atual trabalho, se deu por esse método, o que deve ser justificado ao longo de nossa exposição.

Nossos atendimentos levaram ainda em conta a proposta de orientação profissional em grupo na escola pública, conforme sugerida por Valore (2002).

3. A UTILIZAÇÃO DE TÉCNICAS EM ORIENTAÇÃO VOCACIONAL

Tendo em vista a atual demanda pelos serviços de orientação vocacional, seja em escolas, clínicas, empresas, ou em outras instituições, os profissionais desta área preocuparam-se em desenvolver técnicas e recursos específicos para este tipo de atendimento, tanto na modalidade individual quanto grupal².

Discute-se muito o verdadeiro papel das técnicas e sua utilização nos atendimentos psicológicos em geral. Nesse sentido, é importante evidenciar que, sendo também um tipo de atendimento psicológico, a OV não deve ser encarada como um simples procedimento de aplicação de testes, técnicas e dinâmicas que ajudarão o orientando a escolher sua profissão. A utilização dessas técnicas deve seguir determinado referencial teórico que fundamente sua escolha e aplicação.

Levenfus e Soares (2002, p. 295) consideram como técnica em OV:

... qualquer recurso do qual o orientador lança mão para viabilizar sua intervenção profissional, permitindo-lhe levar os orientandos a entrar em contato com a questão da sua escolha profissional, reconhecendo suas demandas internas, as pressões externas e o modo como lidam com essa questão, inserida no seu contexto vivencial mais amplo.

Nesse sentido, a técnica atua, de acordo com as autoras, como secundária ao movimento e à demanda dos clientes, sendo agente mobilizador e facilitador do processo de escolha. Seguindo essa orientação, “o papel das técnicas consiste, dentre outros, em levantar dados, permitir elaborações, conduzir a uma tomada de consciência

² Várias destas técnicas foram desenvolvidas pelos estagiários e profissionais do LIOP - Laboratório de Informação e Orientação profissional da UFSC (LEVENFUS & SOARES, 2002), como também pela professora Dulce Helena Penna Soares (LUCCHIARI, 1993).

do orientando, tudo isso no intuito de facilitar o processo da escolha profissional do jovem”. (LEVENFUS & SOARES, 2002, p.295).

Dependendo da modalidade de atendimento escolhida pelo profissional, várias técnicas podem ser adequadas e aplicadas em diversas situações, em grupos de orientação ou reorientação ou ainda em atendimento individual. Os recursos mais utilizados, encontrados na literatura específica consistem em entrevistas (individuais e grupais), que podem ser de triagem, a entrevista clínica propriamente dita ou as que são realizadas no meio do processo em virtude de uma necessidade do orientando ou orientador. Além delas, destacam-se as dinâmicas de grupo (que estimulam a participação dos jovens e permitem uma aproximação menos ansiosa com as temáticas trazidas), a utilização de testes (inventário de interesses, testes de inteligência, etc.), visitas a instituições de ensino ou formação técnica e a empresas, entrevistas com profissionais, pesquisa bibliográfica ou na *internet*³.

A despeito de ser amplamente difundida no contexto da orientação profissional há uma grande discussão acerca da utilização de testes em OV. Levenfus e Soares (2002) esclarecem que essa utilização dos testes psicológicos só é pertinente na medida em que se considera seu papel auxiliar na orientação de interesses e habilidades sendo, contudo, necessária uma confrontação dos seus resultados com informações consistentes sobre a vivência do cliente.

Em se tratando da modalidade individual em OV, Torres (citada por LEVENFUS & SOARES, 2002), cujos estudos têm uma orientação psicanalítica, prioriza as entrevistas e o trabalho particularizado, segundo demanda do cliente, abstendo-se do uso de testes. Apesar desta exclusão, muitos orientadores com formação psicanalítica, utilizam, por exemplo, testes projetivos como recurso de investigação da personalidade do paciente. Segundo a autora, o método clínico baseia-se em quatro recursos, a saber: entrevistas abertas, elaboração de uma hipótese diagnóstica, elaboração de um prognóstico e informação ocupacional. Mas a estruturação das sessões e os objetivos a serem alcançados dependem da fundamentação teórica e da metodologia empregada pelo orientador.

Considerando-se o trabalho em grupo com adolescentes, muito utilizado em clínicas e escolas, vemos o quanto a riqueza do material trazido por eles e a troca com o grupo são realmente facilitadores do processo de escolha do jovem. Nessa fase, o grupo se torna uma fonte de referências identificatórias para o adolescente, o que justifica a primazia do trabalho grupal sobre o individual. As dinâmicas facilitam uma progressiva integração dos jovens no próprio grupo, criando as condições necessárias à expressão espontânea de conflitos pessoais e desenvolvimento de suporte grupal em uma espécie de apoio emocional emergente, como acontece nos grupos terapêuticos, guardadas as especificidades.

Essa modalidade requer do orientador determinadas habilidades específicas no que tange ao trabalho de orientação profissional e à facilitação de processos grupais. A compreensão e o respeito ao movimento do grupo em suas diferentes sessões permitem a adequação de técnicas e recursos complementares que contribuam para a evolução de um clima grupal facilitador do trabalho de orientação. Sabendo-se que o trabalho poderá mobilizar conteúdos de natureza difícil e problemática, do ponto de vista pessoal dos diferentes membros do grupo, a liderança e o uso de recursos compatíveis às problemáticas vivenciadas e aos objetivos da orientação contribuem sobremodo para seus resultados. Esses procedimentos colaboram para evitar a banalização dos recursos e meios disponíveis na orientação profissional, como por exemplo, os testes expressivos e as dinâmicas padronizadas.

Levenfus e Soares (2002) afirmam que isso é especialmente complicado nos estágios curriculares em orientação profissional, nos quais o estudante planeja as sessões previamente, correndo o risco de banalizar as técnicas, caso não se reconheça sua necessidade de adaptação, podendo ir desta forma de encontro aos anseios do grupo. Nesse sentido, as citadas autoras defendem que as técnicas empregadas no atendi-

³ O Laboratório de Informação e Orientação Profissional (LIOP) já oferece o serviço de OP através da *internet*, pelo site www.liop.ufsc.br

mento devem seguir o movimento e a demanda do grupo, servindo apenas como mobilizadores e facilitadores do diálogo e da escolha, não ocupando, portanto, um lugar central no processo. Dentro dessa perspectiva, o trabalho em grupo deve explorar toda a riqueza que é produzida espontaneamente, necessitando, por sua natureza, de estratégias apenas complementares a momentos específicos identificados em cada situação grupal, adequando-as às temáticas relevantes em momentos definidos, a fim de que o processo seja preservado no que tange à sua produtividade e espontaneidade, tornando-se, portanto, significativo tanto para o orientando como para o orientador.

Os recursos de maior utilização nesse tipo de atendimento serão mencionados a seguir. Entrevistas (individuais e grupais) são especialmente indicadas para a seleção dos participantes, como também podem ser feitas no decorrer do processo, no caso de algum membro querer discutir individualmente um tema pessoal mais significativo, ou no final do processo, como devolução por parte do orientador de sua percepção sobre a situação do cliente.

Recursos técnicos em orientação vocacional grupal

O trabalho de orientação vocacional realizado em grupo torna pertinente a utilização de técnicas, cuja seleção varia de acordo com o momento e propósitos grupais, a saber:

- *Técnicas de apresentação e integração grupal*: nomeadas técnicas são necessárias no início do processo. Apresentação dos diferentes membros do grupo e do orientador, discussão do contrato psicológico, levantamento de expectativas são algumas de suas metas.
- Dinâmicas que estimulam o *autoconhecimento* também são adequadas aos momentos iniciais do trabalho de OV.
- *Técnicas psicométricas*: podem ser utilizadas, dependendo do método e do referencial do orientador. Testes como a Bateria CEPA e DAT são recursos que avaliam as aptidões para determinadas carreiras.

- *Técnicas para levantamento de interesses profissionais*: para esse fim, inventários como o de Kuder e o LIP - Levantamento de Interesses Profissionais (Carlos Del NERO, 1984, citado por LEVENFUS & SOARES, 2002, p. 209) são recursos plausíveis, pois facilitam o levantamento de preferências pessoais acerca das diferentes profissões, carreiras e áreas de conhecimento.
 - *Técnicas projetivas*: investigam a dinâmica da personalidade e são bastante utilizadas em ambas as modalidades de orientação profissional grupal e individual. O HTP, o Teste Desejativo (CABRERA, 1999), o Desenho da Figura Humana, o Teste Ômega (OLIVEIRA, 2002) e, mais voltado para a temática da escolha profissional, o Teste de Frases Incompletas, inicialmente desenvolvido por Bohoslavsky (1998) e modificado posteriormente por Lucchiari (1993).
 - *Técnicas expressivas*: jogos dramáticos são particularmente interessantes para mobilizar as angústias e os conflitos dos adolescentes de forma lúdica e estimulante. Através dos jogos, o jovem pode expressar imaginação, fantasias, crenças e valores (LEVENFUS & SOARES, 2002, p.296) levando-o a uma tomada de consciência de si e de seus desejos. Como exemplo, temos a dinâmica *Role-playing* do papel profissional, Lucchiari (1993).
 - *Técnicas de informação profissional*: técnicas diversas como a R-O e Realidade Ocupacional (LEVENFUS & SOARES, 2002), podem ser aplicadas juntamente com atividades investigativas como visitas a universidades, conversas e entrevistas com profissionais, consultas a guias de carreiras ou utilização de outros recursos adequados à realidade do orientando, por exemplo, a internet. Essas estratégias possibilitam uma postura mais ativa por parte do cliente, esclarecem dúvidas e desvendam preconceitos e mitos acerca das profissões e do mercado de trabalho.
- Quando do término do processo, faz-se necessária uma *auto-avaliação* por parte do orientando e deste em relação ao processo. Tal procedimento pode ser mais adequadamente

realizado por meio da técnica da carta de despedida (LUCCHIARI, 1993), em discussões grupais e/ou com questionários estruturados. (LEVENFUS & SOARES, 2002).

Um recurso interessante, por fim, e que garante a continuidade do processo fora do grupo, é a realização de tarefas de casa, nas quais podem ser explorados temas de natureza informativa, podendo ainda incluir determinados aspectos sobre a problemática da escolha em si.

4. ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL EM GRUPO: O RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA

Atendendo à demanda de jovens estudantes de uma escola pública e cientes das dificuldades que os jovens costumam enfrentar para escolher sua profissão, bem como da importância dessa escolha para a construção da identidade pessoal, foi realizado um procedimento em orientação profissional, como parte da disciplina de Orientação Vocacional, no curso de graduação em Psicologia da UFC. Partiu-se do pressuposto que um atendimento dessa natureza poderia ajudar os jovens envolvidos no seu processo de escolha profissional e possibilitar uma experiência dos estagiários, enquanto na condição de orientadores. O trabalho foi realizado com um grupo de estudantes do ensino médio de uma escola da rede pública estadual de ensino local.

A escolha da clientela partiu tanto da necessidade como do interesse em atender à comunidade, cuja demanda por este serviço vem aumentando a cada dia. Optou-se pela modalidade de atendimento grupal, tendo em vista que, segundo Lucchiari (1993), é própria do adolescente a formação de grupos que permitem aos jovens o compartilhar de ansiedades e inseguranças, como também a troca de informações e experiências. Nesse sentido, cada membro do grupo pode atuar como facilitador e como suporte para os demais componentes.

Realizou-se o atendimento, tendo como base o método clínico-operativo, em concordância com os pressupostos que estão em sua base, ou seja, tanto o psicólogo quanto o indivíduo que

busca a OP devem desempenhar um papel ativo no processo; a adaptação a uma determinada carreira ou trabalho só pode ser boa se o indivíduo parte de uma decisão autônoma (LUCCHIARI, 1993; LEVENFUS & SOARES, 2002; BOHOSLAWSKY, 1998). O centro do processo de OP passa pelo orientando e não (como acontece no método psicométrico) pelo orientador ou pelas técnicas utilizadas; o orientando é capaz de chegar a uma decisão, se conseguir elaborar os conflitos e a ansiedade que experimenta em relação ao futuro; o psicólogo deve atuar apenas como um facilitador do processo, contribuindo para que o orientando possa identificar e trabalhar os fatores que estão dificultando a tomada de decisão.

Nessa perspectiva, a descrição e análise teórica do processo de OP serão enfatizadas muito mais que as técnicas e os recursos utilizados, principalmente as temáticas mais relevantes trazidas pelos adolescentes concernentes à escolha profissional, sua evolução durante o processo e as intervenções das orientadoras.

Apresentação dos orientandos

O grupo iniciou-se com cinco adolescentes, sendo que dois compareceram apenas à primeira sessão. O grupo ficou fechado com os três jovens remanescentes.

T., 16 anos, sexo feminino, 1º ano do Ensino Médio.

T. aceitou iniciar o processo porque tinha curiosidade e, ao mesmo tempo, dúvida sobre o que queria ser. No início muito calada, depois conseguindo expressar, mesmo de forma contida, suas opiniões. Mora com a *mãe de criação*, como ela chama, que adotou cinco mulheres e tem dois filhos homens “tudo formado e casado”.

Sua problemática inicial relativa à escolha era de dúvida e angústia, com a influência da família adotiva e, ao mesmo tempo, um desejo de apoio dessa família na decisão, desde que sem uma pressão, como estava ocorrendo. O seu maior medo era de fazer vestibular para um curso concorrido como Medicina, não passar e depois ficar desanimada. Daí pensava na possibilidade de fazer Enfermagem (que tam-

bém era uma de suas áreas de interesse), um curso em que tinha maior possibilidade de êxito no vestibular.

M. A., 17 anos, sexo masculino, 2º ano do Ensino Médio.

M. A. foi um dos alunos da turma mais interessados em participar do processo. Não é cearense, mas está no Ceará há seis anos e mora com os pais. Já estudou em escola particular, tendo que mudar para uma escola de “menor qualidade”. Considerou difícil a mudança de escola e de estado, tendo problemas de adaptação à nova realidade.

Sempre pontual, teve apenas uma falta (no dia em que todos faltaram para estudar). Respondia às tarefas com afinco, entregando sempre na data solicitada, demonstrando muita convicção e pensamento crítico em suas reflexões.

Seu momento em relação à escolha era de dúvida no que diz respeito a que profissão escolher dentre as ciências humanas, onde as opções mais cotadas eram Ciências Sociais e História, tendo em vista seu contato com estudantes de História da Universidade Estadual do Ceará (UECE) na escola e seu interesse em ser professor.

M. L., 18 anos, sexo feminino, 2º ano do Ensino Médio.

M. L. foi uma das últimas a entrar no grupo e foi por um acaso. O grupo estava quase formado e, em acordo com todos os membros, permitiu-se sua entrada. No começo acreditava-se que sua demanda era mais de psicoterapia, mas descobriu-se que realmente havia um conflito sobre a escolha profissional: Direito ou Medicina. O conflito já começava a se configurar desde o primeiro encontro: *Direito para ser delegada* ou *Medicina para provar que sou capaz*.

Falando um pouco sobre sua história de vida, contou ao grupo que tinha muitos problemas familiares e, por conta dos cuidados com o filho de três anos, apresentava dificuldade para estudar. Havia estudado numa escola particular conceituada e, por ter relaxado nos estudos e pelas dificuldades financeiras, teve de mudar para a escola pública.

O seu momento atual de escolha estava sendo dificultado, de forma indireta, pela pressão familiar, problemas em casa e no relacionamento com o pai de seu filho, e do desconhecimento de *como* se faz uma escolha adequada. Era um momento onde precisava afirmar-se como adulta.

Descrição e análise dos encontros

Antes do início das sessões, as duas orientadoras elaboraram um planejamento por encontros, incluindo as temáticas e técnicas a serem aplicadas para facilitar a participação e o envolvimento dos orientandos no trabalho. O planejamento por encontros foi baseado nas propostas de trabalho com grupos, encontradas na obra de Lucchiari (1993) e Valore (citada em LEVENFUS & SOARES, 2002). A primeira autora foi referência na utilização das dinâmicas e das tarefas de casa, a segunda, referência específica para atendimento com adolescentes de escola pública.

O processo foi dividido em dez sessões grupais e uma individual destinada à devolutiva. Cada encontro era encerrado com uma tarefa de casa, recurso que permitia a continuidade do processo fora do grupo, sendo também recurso mobilizador inicial nas sessões seguintes. Antes mesmo do primeiro encontro, ainda na reunião com os orientandos, na escola, foi combinada uma tarefa de casa, a saber, uma lista com as coisas que gostavam ou não de fazer. O objetivo desta tarefa era o de propiciar o conhecimento de si e agilizar a resolução da técnica Gosto e Faço, conforme sugerida por Lucchiari (1993, p. 44-45) e Levenfus e Soares (2002, p. 311-312), no intuito de trabalhar gostos e interesses. Nesta técnica o jovem era solicitado a responder a quatro quesitos: gosto e faço, gosto e não faço, não gosto e faço e não gosto e não faço.

No primeiro encontro estavam presentes cinco orientandos, ocasião em que foram trabalhados a integração grupal e o contrato; a discussão sobre gostos e interesses foi possibilitada por meio da técnica mencionada anteriormente Gosto e Faço.

Segundo Levenfus & Nunes (citados em LEVENFUS & SOARES, 2002, p. 62), os adolescentes referem o que gostam em termos de ocupação, referendando a idéia de que, nesse momento, o jovem está definindo sua identidade: quem ele quer ser e quem não quer ser, considerando a futura escolha profissional a partir de seus interesses, daquilo que gosta e que pensa que pode realizar. As referências podem ser diretas, indiretas, claras, confusas, referentes ao passado ou ao presente.

É interessante considerar ambas as escolhas, positivas e negativas. Referências negativas podem surgir em relação ao gosto, no entanto isso pode facilitar o processo de escolha com a eliminação das profissões de que não gosta *mediante o balanceamento maduro entre os prós e os contras implicados na tomada de decisão sobre esta ou aquela ocupação*. (LEVENFUS & SOARES, 2002, p. 62).

No início do trabalho, focalizamos as seguintes temáticas: o conhecimento de si e o autoconceito, bem como a forma como cada um escolhe (seja na vida pessoal ou profissional), buscando refletir sobre os fatores que a influenciam, as expectativas familiares, etc.

Utilizamos a dinâmica Viagem ao passado ao presente e ao futuro (LUCCHIARI, 1993, p. 47-48) e, para a questão da escolha, retomamos a tarefa de casa, passada no primeiro encontro sobre as escolhas (*redação Minhas escolhas e as escolhas que fizeram por mim*).

Com o intuito de levantar os interesses profissionais dos orientandos, realizamos a “Técnica das Atividades Profissionais” (LUCCHIARI, 1993, p.58-59), que consta de um questionário com uma série de atividades relacionadas com as ocupações, onde o orientando marcava aquelas em que se identificasse mais. Ao final, sugerimos que eles escolhessem três que mais lhes interessassem. Como recurso complementar a esta estratégia, utilizamos o Inventário de interesse Angelini & Angelini.

Os tópicos seguintes foram abordados por meio de recursos de dinâmica de grupo, técnicas expressivas e discussão em grupo, além de outros recursos sugeridos por Levenfus e Soares (2002) para as atividades de atendimento de orientação vocacional em grupo:

Autoconceito: o conhecimento de si e o autoconceito são fundamentais para a escolha de uma ocupação que se case bem com o que o indivíduo acredita poder fazer e aquilo que deseja:

A formação do autoconceito ocorre na infância concomitantemente ao desenvolvimento da identidade ou self e evolui a partir dos processos de exploração, diferenciação, identificação, desempenho de papéis, e testes de realidade. O desenvolvimento psicossocial do indivíduo tem papel fundamental no sentido de fortalecer ou modificar autoconceitos que foram adquiridos nessa fase. (LEVENFUS & SOARES, 2002, p. 73).

Durante a adolescência, o autoconceito se desenvolve mediante as influências do meio e identificações com um adulto significativo, com o maior ou menor êxito no desempenho de papéis, consciência da relação entre as características que o indivíduo possui, seus atributos e satisfação, e realização no exercício de determinado conjunto de papéis ocupacionais. O autoconceito se implementa, portanto, com a entrada no mundo do trabalho.

Assim, os sujeitos relacionam sua auto-eficácia (seja de forma positiva ou negativa) com maior certeza sobre suas preferências vocacionais.

Influência da família

Essa é uma das temáticas mais trabalhadas no processo de OP, tendo em vista a força que a família exerce na formação da identidade do adolescente, a partir das relações com os objetos de desejo iniciais.

A influência familiar pode ser exercida em dois planos: o contextual e o estrutural (ANDRADE, 1997, citado por LEVENFUS & SOARES, 2002, p. 70). O contextual diz respeito aos recursos e limitações oferecidos pela família ao jovem; o estrutural aponta que a estruturação da personalidade ocupacional do indivíduo está no seio da família, cuja influência pode se dar de forma direta ou implícita, a partir de seus valores e conceitos ocupacionais, num processo dialético onde o indivíduo também atua como fator de influência. Estas influências foram trabalhadas na *redação Minhas escolhas e as escolhas que fizeram por mim*, na dinâmica da viagem ao passado, ao presente e ao

futuro, nas *Frases para completar* e na *técnica dos bombons*. Note-se a pertinência do tema para esses orientandos, que passaram de uma posição passiva de aceitação das imposições familiares, para uma postura mais autônoma no processo, chegando mesmo até a modificar a opinião da família a seu favor.

Escolha

Focalizamos essa temática a partir da reflexão sobre o modo como o orientando faz suas escolhas na vida, em que medida recebe influência da família ou dos mais próximos, sua autonomia e responsabilidade nesse processo.

Com esse exercício objetivávamos a tomada de consciência por parte dos jovens de seu momento atual de escolha, sentimentos envolvidos nessa situação, suas dúvidas e inseguranças. Tendo como base essa reflexão, o jovem poderia, então, começar a agir de forma mais madura e autônoma no seu processo de escolha profissional.

Dúvida

O sentimento de dúvida é um dos focos em um processo de OP, tendo em vista sua relação com a decisão e a escolha profissional, podendo dificultar ou não uma escolha madura e responsável. De acordo com Levenfus e Nunes (2002, p. 63), jovens com dúvida em relação à profissão apresentam tendência à impulsividade, sentimentos de pânico e depressão, além de formas imaturas e irresponsáveis na tomada de decisão, tais como relegar a escolha à sorte, ou aos outros, ou mesmo não se decidindo especificamente por uma, às vezes ficando com as duas por não se livrar das dúvidas.

Decisão

Trabalhamos esta temática especialmente nas técnicas R-O (Realidade Ocupacional, no momento da informação profissional) e na Dinâmica de planejamento. Na primeira técnica, descrita em Levenfus e Soares (2002, p. 357), o orientando tem que chegar a uma decisão e se posicionar em um agrupamento de profissões com as quais mais se identifica, possibilitando o exercício da escolha e o lidar com o luto das escolhas abandonadas. Na segunda, realizada no final dos encontros, é proposto um desenho contendo a projeção profissional dos

jovens nos intervalos de um ano, cinco anos e dez anos, com o objetivo de facilitá-la, trabalhando expectativas em relação ao futuro, verificando a capacidade de projetar-se no amanhã de forma mais realista.

Vestibular

Este tema foi bastante discutido nas técnicas de informação profissional, tais como Técnica de R-O e na dinâmica dos bombons, técnica elaborada por Levenfus (2002). A Técnica dos Bombons, objetiva, de forma lúdica e interativa:

... proporcionar aos orientandos a oportunidade de fazer uma ampla reflexão acerca de como se processa a escolha profissional. Observando como cada participante escolhe um bombom da caixa e a posterior explicação que cada um dá a sua escolha, o orientador auxilia o grupo a inferir inúmeras associações da escolha de cada participante com a escolha profissional e de ansiedades dessa escolha interligadas ao vestibular. (p. 413).

Esse foi um assunto particularmente importante em nosso processo, que mobilizou muitas discussões a respeito das chances do estudante de escola pública passar no exame vestibular em comparação com os de escola particular; a função social desse sistema, a exclusão de muitos, os medos e ansiedades que o exame desperta, entre outros.

Universidade

A discussão sobre a universidade mobilizou muito os jovens assim como aconteceu durante a discussão sobre o vestibular. Com as técnicas de informação profissional e guias de profissões, conseguimos ampliar os conhecimentos dos orientandos sobre as carreiras não só universitárias, como também técnicas e outras ocupações.

No grupo, todos os orientandos relataram desejo de freqüentar uma universidade, principalmente pública, pois como nos disse um dos garotos “os estudantes de escola particular estão tomando as vagas dos de escola pública” (MA).

Estimulamos os orientandos a procurar conhecer o campus da UFC, a entrevistar profissionais e pesquisar sobre a universidade e os cursos na *internet*. Assim, muitos dos mitos sobre os

curso foram sendo desconstruídos e eles passaram a perceber seu papel ativo se quisessem ingressar numa universidade pública.

Mercado de trabalho

A discussão sobre o mercado incita muitas ansiedades no jovem, principalmente tendo em vista a necessidade de ajudar financeiramente a família, como é o caso de muitos estudantes de escola pública e também por conta da associação de colocação profissional com ganhos econômicos, decisiva na escolha profissional. Assim, Gus (1998, citado por LEVENFUS & SOARES, 2002), defende que os conflitos relacionados com a entrada no mercado de trabalho “deixa[m] o jovem muito temeroso. Ele teme enfrentar uma sociedade competitiva e excludente, que enaltece a competência, ficando assustado e com dificuldades em amadurecer, pelo temor de não obter êxito. O futuro para a juventude é eclipsado pelo pessimismo” (2002, p. 67).

As dinâmicas mais utilizadas nos nossos atendimentos com o objetivo de mobilizar os jovens para o tema das profissões e do mercado de trabalho foram “Caminhar Profissional” (LUCCHIARI, 1993, p. 36-37), “Mímica das Profissões” (LUCCHIARI, 1993, p. 62) e “Gincana das Profissões”, mencionada anteriormente. A primeira técnica, que é de aquecimento tem o objetivo de fazer com o que o orientando tome consciência de sua percepção sobre as profissões; a segunda, onde os membros tinham de adivinhar que profissão estava sendo atuada e porque, assinalando os estereótipos e fantasias acerca daquela ocupação, facilitava desenvolver informações profissionais mais precisas enquanto que a terceira auxiliava no processo de tomada de decisão e passando a aumentar seu conhecimento sobre as opções disponíveis.

CONCLUSÃO

Realizar um processo de orientação vocacional desta natureza constituiu-se para nós um grande desafio, tanto porque requeria muita autonomia e iniciativa das orientadoras quanto pelo fato de termos escolhido trabalhar com

estudantes de escola pública, inseridos num contexto bastante diverso daquele das escolas particulares de onde nos originamos.

Procuramos estabelecer um vínculo forte orientadoras-orientandos desde o começo do atendimento, por meio de atividades e objetivos que respeitavam as demandas dos orientandos e as nossas próprias. Isto foi essencial para a permanência dos alunos e a continuidade do processo. Com a realização das tarefas de casa, conseguimos manter uma ligação entre os diferentes encontros, mesmo em se considerando os diferentes espaços de tempo entre eles. Muitas dessas atividades permitiam o estabelecimento de elos entre assuntos e temáticas nos diversos momentos do processo de orientação.

Percebemos uma grande evolução no grupo no sentido de compreender como se dava seu processo de escolha, que aspectos influenciavam e em que medida eles mesmos eram responsáveis pelas escolhas que faziam ou deixavam de fazer. Notamos significativo amadurecimento no grupo, pois passaram de uma posição passiva de subordinação à pressão familiar e social, para uma postura crítica e ativa diante destas questões e de outras referentes à realidade da escola pública. As discussões sobre o *ensino público e particular, vestibular, mercado de trabalho, etc.* foram essenciais para o desenvolvimento de um posicionamento mais realista, mas, ao mesmo tempo, para checar possibilidades, dependendo das metas que eles estavam colocando para si e de como elas se articulariam na prática. Por isso, foi dado o espaço necessário para a discussão acerca de preconceitos que até os próprios orientandos tinham em relação ao estudante de escola pública, em uma espécie de auto-crítica, incentivando um maior esforço e dedicação nos estudos, tendo em vista a grande exclusão a que se submetem em face do sistema de vestibular na atualidade.

Procuramos discutir as facetas do vestibular, mas sem nos limitarmos a elas, ampliando as reflexões para o mundo do trabalho e uma melhor atualização das capacidades e habilidades a ele associadas. Discutimos as novas competências que este mundo exige, bem como formas dos orientandos se inserirem nesse contexto tão competitivo.

Acreditamos que o processo de OP atingiu seus objetivos, na medida em que possibilitou aos orientandos um maior autoconhecimento, um vislumbre de expectativas e projetos futuros, o conhecimento das diversas profissões e ocupações e, principalmente, uma visão crítica, contudo otimista, de sua inserção no mundo enquanto seres desejantes e produtivos.

O atendimento teria sido mais completo se tivesse havido a possibilidade de integração com a escola e com a família, parceiros fundamentais que podem facilitar enormemente o processo de escolha dos jovens, ensejando uma maior compreensão da problemática do adolescente. Nesse sentido, segundo Lima e Ramos (2002, p. 91) a presença deles [dos pais] é fundamental porque (...) entendem que podem e devem falar o que desejam para o filho, como também escutá-lo, considerando suas incertezas, inseguranças, indagações e diferenças de posição.

A participação dos professores neste processo teria sido bastante produtiva, no sentido de integrar o trabalho com outras ações realizadas na escola, como reunião pedagógica e com os pais, gincana cultural, palestras e seminários. Valore (citado por LEVENFUS & SOARES, 2002, p. 128), sugerindo uma proposta de grupos de OP na escola pública, indica algumas atividades a serem realizadas na escola no intuito de integrar jovens, família e escola no processo: feiras de profissões, inclusão de discussões em sala sobre o tema, palestras e seminários, material informativo (que pode ser confeccionado nas próprias oficinas de OP) e intercâmbio com professores do ensino superior.

Uma proposta de atendimento bem interessante e viável seria a formação de grupos heterogêneos, envolvendo estudantes de escolas públicas e particulares, por exemplo, nos quais pudessem trocar experiências entre si e entrarem em contato com realidades diferentes. Há, inclusive, orientadores que realizam grupo mistos de estudantes secundaristas, universitários em reorientação de carreira e pessoas mais velhas, para possibilitar uma projeção no futuro dos mais novos e a reavaliação das escolhas dos mais experientes.

Podemos resumir que o atual processo resultou eficiente, tendo em vista os ganhos dos adolescentes com o processo terem sido observados entre todos os membros do grupo, como se deixa revelar com a colocação de M.A.:

Foi muito bom saber que não sou apenas eu que tenho tais problemas, pois durante as reuniões percebi que todos até tinham individualmente seus problemas, seja profissional, familiar ou psicológico, e que todos estavam lá até porque precisavam, e não apenas porque queriam.

Apesar de o presente trabalho ter se baseado em caso específico de atendimento em OP em grupo, concluímos que muitas das questões levantadas, estudadas e analisadas com relevantes conclusões podem apontar diversos aspectos necessários ao desenvolvimento do conhecimento específico nessa área:

- A supremacia do trabalho em grupo em comparação ao trabalho individual para o processo de orientação vocacional de jovens;
- A utilização de técnicas e recursos variados para tal procedimento, como aqui ilustrado, pode ratificar e complementar determinados achados teóricos sobre o assunto;
- A questão da homogeneidade versus heterogeneidade na formação dos grupos de atendimento em OP deve ser atentada na formação desses grupos para o aproveitamento adequado de suas forças e compensação de limitações;
- O estudo possibilitou, ainda, um paralelo entre trabalhos dessa natureza realizados em situações e ambientes diversos, a saber, públicos, privados, escolares⁴ e clínicos. Tal contribuição atenta-nos para o fato de que a OP deve crescer em todas essas direções, trazendo, inclusive, como fez o atual trabalho, contribuições para essa diversificação de possibilidades no âmbito da orientação vocacional/profissional.

⁴ A experiência serviu de base para o trabalho acerca da Orientação Vocacional, sob a minha coordenação (Antonio Caubi Ribeiro Tupinambá) e com a participação das psicólogas Andréa Girão e Mara Aguiar, no I Encontro Cearense de Psicologia Organizacional e do Trabalho (IECEPOT) promovido pelo Núcleo de Psicologia do Trabalho da UFC (NUTRA) nos dias 19, 20 e 21 de novembro de 2003, em Fortaleza – Ceará, para estudantes de cursos de graduação em Psicologia.

REFERÊNCIAS

- BOHOSLAVSKY, R. **Orientação vocacional**: a estratégia clínica. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- CABRERA, A. M. **Questionário desiderativo**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.
- KNOBEL, M. A síndrome da adolescência normal. In: ABERASTURY, A., A.; KNOBEL, M. (Orgs.). **Adolescência normal**. 5. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.
- LASSANCE, M. C. Reflexões em defesa da teoria na prática de OP. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**. Florianópolis: ABOP, v.3, n.1, jul, 1999. Edição especial. p. 69-76.
- LEVENFUS, R. S. Levantamento de interesses profissionais - LIP (Carlos del Nero): uma proposta de interpretação psicodinâmica. In: LEVENFUS, R. S.; SOARES, D. H. P. (Orgs.). **Orientação vocacional ocupacional**: novos achados teóricos, técnicos e instrumentais para a clínica, a escola e a empresa. Porto Alegre: Artmed, 2002. p. 209-223.
- _____. Técnica dos bombons. In: LEVENFUS, R. S.; SOARES, D. H. P. (Orgs.). **Orientação vocacional ocupacional**: novos achados teóricos, técnicos e instrumentais para a clínica, a escola e a empresa. Porto Alegre: Artmed, 2002. p. 413-418.
- _____. Os lutos da escolha profissional. In: LEVENFUS, R. S. et al. (Orgs.), **Psicodinâmica da escolha profissional**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997. p. 163-173.
- LEVENFUS, R. S.; NUNES, M. L. T. Principais temas abordados por jovens centrados na escolha profissional. In: LEVENFUS, R. S.; SOARES, D. H. P. (Orgs.). **Orientação vocacional ocupacional**: novos achados teóricos, técnicos e instrumentais para a clínica, a escola e a empresa. Porto Alegre: Artmed, 2002. p. 61-78.
- LEVENFUS, R. S.; SOARES, D. H. P. Técnica R-O: um recurso clássico na tarefa de orientação profissional. In: LEVENFUS, R. S.; SOARES, D. H. P. (Orgs.). **Orientação vocacional ocupacional**: novos achados teóricos, técnicos e instrumentais para a clínica, a escola e a empresa. Porto Alegre: Artmed, 2002. p. 357-370.
- LIMA, E. R.; RAMOS, S. G. A presença dos pais na orientação profissional. In: LEVENFUS, R. S.; SOARES, D. H. P. (Orgs.). **Orientação vocacional ocupacional**: novos achados teóricos, técnicos e instrumentais para a clínica, a escola e a empresa. Porto Alegre: Artmed, 2002. p. 91-99.
- LUCCHIARI, D. H. P. **Pensando e vivendo a orientação profissional**. São Paulo: Summus, 1993.
- MÜLLER, M. **Orientação vocacional**: contribuições clínicas e educacionais. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.
- OLIVEIRA, I. D. Uma abordagem psicodinâmica do teste projetivo ômega. In: LEVENFUS, R. S.; SOARES, D. H. P. (Orgs.). **Orientação vocacional ocupacional**: novos achados teóricos, técnicos e instrumentais para a clínica, a escola e a empresa. Porto Alegre: Artmed, 2002. p. 225-238.
- PIAGET, J. **Seis estudos de psicologia**. Tradução: Maria Alice Magalhães D' Amorim e Paulo Sérgio Lima Silva. 24. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.
- SOARES, D. H. P. Técnicas e jogos grupais para utilização em orientação profissional. In: LEVENFUS, R. S.; SOARES, D. H. P. (Orgs.). **Orientação vocacional ocupacional**: novos achados teóricos, técnicos e instrumentais para a clínica, a escola e a empresa. Porto Alegre: Artmed, 2002. p. 307-322.
- _____. Teste de frases incompletas para orientação profissional. In: LEVENFUS, R. S.; SOARES, D. H. P. (Orgs.). **Orientação vocacional ocupacional**: novos achados teóricos, técnicos e instrumentais para a clínica, a escola e a empresa. Porto Alegre: Artmed, 2002. p. 275-288.
- TORRES, M. L. C. O processo clínico em orientação profissional. **Revista da ABOP**, v. 2, n. 2, p. 29-38, 1998.
- _____. Orientação profissional clínica: uma contribuição metodológica. In: LEVENFUS, R. S.; SOARES, D. H. P. (Orgs.). **Orientação vocacional ocupacional**: novos achados teóricos, técnicos e instrumentais para a clínica, a escola e a empresa. Porto Alegre: Artmed, 2002. p. 81-90.
- TUPINAMBÁ, A. C. R.; AGUIAR, M.; GIRÃO, A. Oficina de orientação vocacional. In: ENCONTRO CEARENSE DE PSICOLOGIA ORGANIZACIONAL E DO TRABALHO, 1., 2003, Fortaleza. **Resumos...** Fortaleza: UFC, 2003.

VALORE, L. A. Orientação profissional em grupo na escola pública. In: LEVENFUS, R. S.; SOARES, D. H. P. (Orgs.). **Orientação vocacional ocupacional**: novos achados teóricos, técnicos e instrumentais para a clínica, a escola e a empresa. Porto Alegre: Artmed, 2002. p. 115-131.

Recebido em 07.04.04

Aprovado em 18.07.06